

O/O PESQUISADOR/A ENCARNADO/ E A CONSTRUÇÃO DOS PRINCÍPIOS: ALIANÇA, CONEXÕES E COMPROMISSO

Suely Messeder¹

Este artigo é uma versão ampliada do texto intitulado *Alianças e Compromissos* publicado na revista *cult*, embora sigamos com a mesma estrutura, faremos um investimento mais denso e tenaz do conceito teórico metodológico, ético, estético do/a pesquisador/a encarnado/a sobretudo nesta introdução, uma vez que entendemos que toda a construção deste artigo decorreu desta perspectiva. Esta modelagem do saber-fazer e fazer-fazer científico tem sido um esforço coletivo do Grupo de Pesquisa Enlace, no qual podemos compreender como uma Comunidade Epistêmica articulado com o Pós-Crítica, cujo interesse é produzir, gestar e difundir um conhecimento científico interdisciplinar, blasfêmico, multireferenciado, experimental e descolonial.

Em minha escrita coletiva que versa sobre sujeito/a encarnado/a e pesquisador/a encarnado/s, tomamos o sujeito encarnado como nossa a matéria prima para a construção do pesquisador/a encarnado. A ideia de matéria está em consonância com o debate sobre Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes em Haraway (2016) que nos possibilita pensar em humus, na compostagem, “que importa é que narrativas contam narrativas, e que conceitos pensam conceitos” (p. 140). No Brasil na religião do Candomblé pensamos nos mitos da criação tendo em mente em três orixás: Oxalá. Omulu e Nanã, por conta da lama, terra e das suas narrativas. Não desenvolverei com afinco sobre a categoria sujeito encarnado neste texto, mas imagino que somos *o tornar-se com*, e ponho em relevo a contingência de nos imaginarmos numa perspectiva da multiespécie neste mundo destrutivo.

Nos textos escritos pelos menos por mim que versam sobre a construção do/a Pesquisador/a encarnado/ têm se repetido com frequência os seguintes autores/as: Haraway (1994; 1995; 2004; 2013);

¹ Professora titular da Universidade do Estado da Bahia e doutora em Antropologia.

Aníbal Quijano (2002); María Lugones (2008); Cláudia Costa (2012); Ramón Grosfoguel (2008); bell hooks (2010); Bruno Latour (2012), Bourdieu, Rita Segato, Maria Lugones, Ramon Grosfoguel, Roberto Cardoso de Oliveira (2016), Mary Castro e Mãe Stella de Oxossi. No aprendizado com estes/as autores/as mergulho em conceitos e perspectivas que me ajudam a compor a construção ética, estética teórica metodológica do/a Pesquisador/a Encarnado/a.

Na primeira versão deste texto fizemos uma incursão nos princípios da aliança, conexão compromisso e ancestralidade entabulando uma conversa afiada com o texto de Mãe Stella de Oxossi. A conversa será preservada, sobretudo, considerando os trechos do texto da autora e mais as minhas interpretações, tendo como perspectiva o horizonte da pesquisadora encarnada. Cabe dizer que a tríade Aliança, Conexão e Compromisso são considerados princípios que são estruturados e estruturantes do/a pesquisador/a encarnado/a em nossas caminhadas cotidianas. São atos acadêmicos e ativistas que nos impulsionam a superação deste mundo destrutivo. É um conhecimento tácito, desenvolvido em atos performativos intuitivos ou mesmo intencionais em nossa atuação, enquanto seres humanos/as que se inter-relacionam com humanos/as e não humanos/as.

Quando nos debruçamos sobre alianças e conexões vemos que são atos construídos, desta forma é interessante nos envolver com a reflexão de Bruno Latour (2012) que nos permitiu a digressão em três sentidos sobre a coisa construída: 1) construir supõe um fazer em que não se sabe bem de onde partiu a ação, com efeito, no ato da construção abre-se um enigma sobre o autor/a da construção, quando se age outros passam à ação; 2) Qual seria a direção do vetor da ação? As incertezas nos colocam numa posição que não sabemos de onde parte a flecha da direção: do construtor ao construído ou, ao inverso, do produto ao produtor, da criação ao criador? Em terceiro lugar, não há dúvida que a coisa foi construída, que é o próprio devir do/a Pesquisador/a Encarnado/a, mas qual a qualidade desta construção? Terá ela sido bem construída (p. 169)?, Nesta linha de aprendizado e novos horizontes abertos sigo no diálogo

profícuo com Mãe Stella de Oxossi, buscando conceitos com a sensação de um embrenhar de um conhecimento das/nas entranhas e completamente visceral de uma caçadora encantada.

Com isto, enveredo-me, acolho e aprecio a obra de arte² e sigo no mistério do comprometer-se com a sabedoria ancestral cujo vetor maior desta expressão nos reporta à citação da senhora responsável pela feitura da sua obra de arte:

Para o povo yorubá e, conseqüentemente, para os brasileiros que se guiam pela religião nagô, uma pessoa comprometida é aquela que é útil, pois cumpre a função que lhe foi destinada, e por isto pode seguir sempre em frente, se distinguindo da *massa uniforme*; *uma pessoa comprometida* é especial, pois já encontrou sua especificidade (MÃE STELLA DE OXOSSÍ, 2013).

Compreender-se como pessoa comprometida é reconhecer-se fora da serialização da tirania absoluta quer seja pela metáfora do condor, quer pela metáfora do carcará, ou ainda pela metáfora do bacurau: cada metáfora se distingue pela sua situacionalidade e contexto. Caminhar nesta trilha metafórica alada, mais adiante esclarecida, é render-se à utopia de que as nossas alianças se construirão em uma espécie de espiral que nos conduza à miríade das justiças — social, racial, de gênero, erótica, religiosa, científica — e nos alinhave aos princípios da ancestralidade, da resistência; do compromisso, da reciprocidade, do reconhecimento e da amorosidade.

Em 12 de setembro de 2013, no mês das festas dos *irês*, das crianças, dos malucos, como dizia a minha mãe de Santo Luiza Gayacu, fomos todos/as presenteados/as pelo discurso, ou melhor, pela belíssima obra escrita por Mãe Stella de Oxossi, em sua justa posse da Cadeira 33 na Academia de Letras, cujo conjunto foi imortalizado. Aqui, me interessa o mergulho neste discurso e, sem nenhuma pretensão de etiquetar Mãe Stella de Oxossi como escritora decolonial, mas sim, desejar interpretar

² A obra de arte é o Discurso de Posse da Cadeira 33 escrito por Mãe Stella de Oxossi e proferido por ela no dia 12 de setembro de 2013 na Academia de Letras da Bahia.

essa obra, tendo como elo o/a pesquisador/a encarnado/a em seu caminhar epistemológico, teórico, metodológico, ético e estético no giro feminista decolonial brasileiro sem pretensões peremptórias nos adjetivos.

Não pretendo seguir ou me enclausurar na análise do conteúdo, sigo livre em minha intuição de olhar e/ou enxergar o discurso em quatro eixos: a) Aliança; b) Pertencimento; b) Geopolítica do conhecimento; d) Princípios.

Logo no início do seu discurso, ela nos surpreende:

Gostaria muito de iniciar meu discurso de posse nesta venerável **Academia de Letras**, dirigindo-me a todos, indistintamente, chamando-os de **amigos**. Entretanto, fui educada por uma **religião** que tem na hierarquia a sua base **de resistência**, o que coincide com a **tradicionalidade** desta Academia. Sendo assim, inicio este discurso saudando as autoridades presentes ou representadas, sentindo que estou saudando a todos que aqui vieram para engrandecer esta cerimônia.

Ela nos concede uma reviravolta ao nos fazer criar um movimento reflexivo sagaz que nos permite a circularidade em ambas as tradicionalidades. A sua audiência é múltipla e o elo é considerado pela palavra amigos/as. A palavra amigo também nos remete a insurgência possível em ambos os lugares de pertencimento, muito embora o princípio que rege os dois lugares hierárquicos seja a resistência. Então, pensaríamos como ponto de partida o paradoxal, onde desembocaríamos em uma aguda espiral. A meu ver, a tradição deve ser uma reinvenção contumaz, diferentemente daquilo que se poderia imaginar como estática, ela é movimento. Vejamos como ela apresenta o seu ser no mundo, ou melhor, o ser em seu pertencimento e compromisso:



O infográfico nos revela a pessoa especial em sua especificidade cujo compromisso nos faz atentar para o seu pertencimento ao orixá, à ancestralidade e à comunidade. O movimento é a tríade e circula na pessoa somente se o compromisso for selado na feitura, no evocar da palavra obrigação, vejamos:

Em um dos artigos que escrevi, eu digo: Comprometer-se é obrigar-se a cumprir um pacto feito, tenha sido ele escrito ou não. O verbo obrigar, que tem origem no latim *obligare*, significa unir. Portanto, quando dizemos um ‘muito obrigado’, estamos sugerindo a alguém que nos fez um favor que a ele estaremos ligados, em virtude do favor que nos foi prestado. Obrigação é uma das palavras chaves do candomblé: aquela que abre muitas portas. Fazer uma obrigação ou a obrigação, fica sendo, então, uma forma de estar cada vez mais unido aos oríya.

Aqui emerge o princípio da reciprocidade, pelo qual o/a sujeito/a regula a sua conduta ética, o princípio prescrito não necessita da escrita decorre do elo estabelecido na inter-relação pessoal e comunitária. A generosidade e a grandeza do ser são evocadas no ato da aliança com o compromisso. Vejamos o que nos diz a nobre senhora:

Meu compromisso não foi selado com um anel. Ele foi selado com correntes fininhas, que simbolizam elos de uma grande corrente que une o Àiyé e o Òrun, os homens e os deuses, o profano e o sagrado. Eu carregava elos de todas as cores: um arco-íris, uma *ponte* que me fazia transitar, ir e vir, da Terra ao Céu e do Céu à Terra. Em minha inocência, eu não entendia que aquelas correntes fininhas comunicavam aos deuses que eu era ainda um elo frágil, que precisava de energia, de àyç, para me tornar um *elo forte*, capaz de segurar *muitos outros elos*.

A narrativa nos revela várias camadas desanuviadas. A primeira tem a ver com anel que, simbolicamente, significa o compromisso com os estudos acadêmicos e o crescimento social da pessoa, algo estimado pela mãe Aninha para os seus filhos de santos. Os passos são revelados esmiuçadamente numa temporalidade do aprendizado. Mãe Stella nos revela o simbólico das correntes fininhas nos primórdios da sua feitura e já nos convida a enxergar os seus vários referentes, a exemplo da multirreferencialidade do arco-íris. O ser precisa ser fortalecido, afinal, o elo necessita de uma ponte mais densa para que outros/as atravessem. Na próxima citação, apreciamos a autora apresentando o elo nas duas tradições distintas:

Se eu chamo meus colegas de academia de confrades e confradeiras, é porque estamos juntos na mesma confraria. No Ilé Àyç Opo Afonjá, cumprimos uns aos outros chamando-nos de irmãos, estamos em uma irmandade. Confraria, irmandade, comunidade... elos unidos formando uma corrente por um objetivo comum. Na Academia de Letras da Bahia, o objetivo é cultuar para preservar a tradição escrita. No Ilé Àyç Opo Afonjá, o objetivo é cultuar para preservar a tradição oral. Sou uma acadêmica oriunda da família

Opo Afonjá, que tem como Iyá Nlá — a Grande Mãe — Ôba Biyi, Mãe Aninha, que no início do século XX escreveu um adurá (uma reza), na língua yorubá, pedindo bênçãos para a construção do Terreiro de Candomblé que tem como patrono o oríyá Bàngó: seu éledá, o dono de sua cabeça.

Curiosamente os juntos em elos, os juntos em comunidade, os juntos em confraria, os juntos em irmandade consistem no objetivo comum, e não ao acaso. Mãe Stela evoca, sabiamente, o orixá Xangô no princípio da sua ancestralidade na comunidade Ilé Àyç Opo Afonjá, na figura de Mãe Aninha. Xangô, para o povo do candomblé, revela a Justiça. Portanto, seguiremos no melhor tom possível em nosso objetivo encarnado na justiça racial, social, de gênero, erótica, religiosa, científica e, certamente, para aqueles/as que as compreendem o elo entre estas justças, na disputa e no conflito teremos entre nós a justiça restaurativa. E na compreensão simbólica entre as duas tradições, ela nos esclarece:

Corrente e cadeira, objetos de grande valor simbólico tanto para a religião que pratico — o candomblé, quanto para a Academia de Letras na qual agora sou empossada. Hoje, aos oitenta e oito anos de idade, estou eu recebendo, outra vez, uma corrente, que segura uma linda medalha, e também mais uma cadeira. A medalha me faz lembrar o quão honrosa devo procurar fazer minha caminhada; a corrente, o sustentáculo desta medalha, demonstra o pacto agora firmado com os objetivos da Academia de Letras da Bahia; a cadeira deixa de ser apenas um lugar de assento, para se transformar em um trono simbólico, onde ilustres cidadãos se imortalizaram.

Para adentramos neste modelo contrastivo tecido por Mãe Stela de Oxossi entre as duas tradições, em sua maestria, ela nos convida para nos enveredar em sua geopolítica do conhecimento da cadeira 33 e nos alinhava nesta nova forma de perceber o princípio da ancestralidade, agora a acadêmica, cujo patrono é o abolicionista Castro Alves.

Se um dia, no Ilé Àyç Opo Afonjá, eu recebi grossas correntes que simbolizam elos de união com os oríyá, com meus ancestrais e meus descendentes espirituais; hoje recebo uma corrente que me

une a todos que um dia pertenceram e os que ainda pertencem a esta nobre instituição. Honrada estou por ter sido escolhida para sentar na cadeira 33, que tem como patrono um ser tão especial quanto Castro Alves e que foi ocupada pelos imortais: Francisco Xavier Ferreira Marques, Heitor Pragner Fróes, Waldemar Magalhães Mattos e Ubiratan Castro de Araújo.

Quando nos debruçamos nos feitos dos quatro homens que a antecederam mediante sua narrativa, importa o destaque que Mãe Stella oferta à mulher mãe de Heitor Pragner Fróes:

Sua mãe, Francisca Pragner Fróes, foi uma das primeiras mulheres formadas em Medicina, pioneira em todas as áreas em que atuou, principalmente na defesa dos direitos femininos. Ela dizia: 'Eu sou feminista por herança e convicção'; 'A inferioridade da mulher não é fisiológica, nem psicológica; ela é social. Sua escravidão sexual determina sua dependência econômica'.

Importa-nos também o destaque ao historiador Ubiratan Castro, um homem negro e gordo, o seu antecessor:

Professor Doutor Ubiratan Castro de Araújo foi graduado em História, pela Universidade Católica do Salvador e em Direito pela Universidade Federal da Bahia. Um estudioso por natureza, fez mestrado em História na Université de Paris X, Nanterre, e doutorado em História na Université de Paris IV (Paris-Sorbonne). O fato de ter recebido o Troféu Clementina de Jesus da União dos Negros pela Igualdade e a Medalha Zumbi dos Palmares da Câmara Municipal de Salvador mostra o reconhecimento pelo empenho de Bira Gordo contra a discriminação racial.

Embora, Ubiratan Castro tenha escrito pouco, em sua carreira acadêmica, ele nos revela a importância dos Levantes para o Estado da Bahia. Em seu escrito, também aparece a ideia da Revolução do Haiti, somos nós condenados da terra, embora, como nos lembra Caetano Veloso em sua canção Haiti: o Haiti não é aqui, com isto, precisamos acolher a revolução do Haiti, mas, ao mesmo tempo, nos situarmos em

nosso local de pertencimento, neste caso, a Bahia e os seus levantes. Retomando Mãe Stella, ela nos recorda de um sentimento que nos afeta positivamente, no qual aposto, a louvação entre nós subalternizados, a alegria de existirmos como gente:

A frágil saúde de Bira Gordo, como gostava de ser chamado, não o impediu de dar uma grande contribuição ao mundo intelectual e de transmitir alegria por onde passava e para todos com quem convivia. Sua prestabilidade era incontestável! Nunca se negava a participar de nenhum evento para o qual fosse convidado a contribuir com sua forma única de estoriar a história. Intelectual cinco estrelas; contador de ‘causos’ de estrelas incontáveis. Bira registrou pouco seus vastos conhecimentos.

Neste contexto, ela nos revela a especificidade de Ubiratan Araújo alinhavada com a especificidade de Castro Alves:

Para Bira, a vida parecia ser uma piada e a piada uma coisa muito séria. Condensada de maneira irônica no ‘causo’ do protesto do poeta Bira conta a trajetória da libertação dos escravos no Brasil ocorrida no passado, alertando para a necessidade constante por uma luta pela liberdade, pois as correntes de ferro, antes visíveis, são, no presente, correntes imperceptíveis, que marginalizam e excluem.

Bira Gordo nos deixou a pouco tempo, em 3 de janeiro do ano em curso. Se hoje ainda estivesse conosco, digo fisicamente, é provável que buscasse na poesia de Castro Alves a força que precisamos para continuar enaltecendo um povo guerreiro, ao mesmo tempo pacífico e afetuoso, que soube amar e amamentar quem os escravizou.

Aqui, ela nos destaca o paradoxal das civilizações entre Ubiratan, homem negro, e Castro Alves, homem branco, mas tendo um comum acordo e objetivo: a liberdade dos homens e mulheres negros/as. E com isto, nos afetamos e nos devolvemos questões: Quais seriam as nossas formas de alianças? Seríamos nós feministas etiquetadas como decolonial, com efeito, nos lançaremos no voo para construirmos uma

nova utopia com compromisso de alinhavarmos as nossas alianças? Mais uma vez, evoco as metáforas das três aves reveladas em três momentos cronológicos distintos, pelas quais detectamos a sobrevivência pela morte de outrem: a) o condor, que serviu ao liberalismo da América evocado na poesia do baiano Castro Alves; b) o Carcará, ovacionado na voz da então jovem cantora baiana Maria Bethânia e pela letra escrita pelo maranhense João Batista do Vale em pleno Golpe Militar de 64; por fim, em 2019, o bacurau, título do filme com roteiro de Juliano Dornelles e direção de Kleber Mendonça, onde se encontra a glorificação pela sobrevivência dos/as subalternizados/as e racializados/as, mulheres, transexuais, homens negros, professores, malucos, curandeiros. E, com isto concluo seguindo o conselho desta nobre senhora, na tentativa de lidar no paradoxo entre nem a vaidade e nem a modéstia, no movimento da tríade (ancestralidade, comunidade e espiritualidade) que circula no ser comprometida e pertencente:

Na cadeira 33, e em todas as outras que compõem esta nobre instituição, cabe pessoas de todas as profissões, cores, religiões, estilos literários... Na cadeira 33, e em todas as outras desta instituição, só não cabe vaidade, nem modéstia. Não sendo vaidosa, digo que, com certeza, não fui escolhida para ser uma acadêmica pelo fato de escrever livros com sofisticação gramatical. Não sendo modesta, tenho a convicção de que se hoje aqui estou é por escrever minhas experiências de modo a cumprir meu compromisso sacerdotal. Não se esqueçam que compromisso e união são as bases em que meu discurso foi fundamentado. Sentar-me na cadeira 33 da Academia de Letras da Bahia era meu destino

No fim desta feitura/construção sinto-me honrada em ter conhecido as obras dessa nobre senhora cujos ensinamentos nos leva a imaginar a modelagem ancestral, ética e estética de um/a pesquisador/a encarnado/a, em quem o compromisso para com a justiça social, racial, de gênero, erótica, religiosa e científica seja efetivamente sua forma blasfema de estabelecer alianças.

REFERÊNCIAS

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho antropológico*. 3. ed. Brasília: Paralelo; São Paulo: UNESP, 2006. p. 17- 35.

CARVALHO, José Jorge de. O olhar etnográfico e a voz subalterna. *Horiz. antropol. online*, v. 7, n. 15, p. 107-147, jul. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v7n15/v7n15a05.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2012.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Michel Foucault y la colonialidad del poder. *Tabula Rasa, Bogotá*, n. 6, p. 153-172, ene./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.revistatabularasa.org/numero-6/castro.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2012.

COSTA, Cláudia. Feminismo e tradução cultural: sobre a colonialidade do gênero e a descolonização do saber. *Portuguese Cultural Studies*, 4, Fall 2012. Disponível em: <<http://www2.let.uu.nl/solis/psc/p/PVOLUMEFOUR/PVOLUMEFOURPAPERS/P4DELIMACOSTA.pdf>>. Acesso em: 3 set. 2014.

FONSECA, Cláudia. Classe e a recusa etnográfica. In: BRITES, Jurema e FONSECA, Claudia (Org.). *Etnografias da participação*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006, pp. 13-34.

FONSECA, Cláudia. Quando cada caso não é um caso. Pesquisa etnográfica e educação. *Anais da XXI Reunião Anual da ANPEd*. Caxambu, 1998.

GANE, Nicholas; HARAWAY, Donna. When we have never been human, what is to be done? interview with Donna Haraway. Trad. Ana Leticia de Fiori. Ponto Urbe – *A Revista Digital do Núcleo de Pesquisa Urbana (NAU) da USP*, v. 6, n. 12, jul. 2010. Disponível em: <<http://www.pontourbe.net/edicao6-traducao>>. Acesso em: 25 set. 2012.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos póscoloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 80, p 115-147, mar. 2008. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/ejemplar?codigo=203921>>. Acesso em: 3 set. 2014.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Trad. Mariza Corrêa. *Cadernos Pagu*, n. 5, p. 7-42, 1995. Disponível em: <http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.ifch.unicamp.br.pagu/files/pagu05.02.pdf>. Acesso em: 3 set. 2014.

HARAWAY, Donna. Um manifesto para os cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 243-287.

HARAWAY, Donna. "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual da palavra. *Cadernos Pagu*, n. 22, p. 201-246, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n22/n22a09.pdf>>. Acesso em: 3 set. 2014.

HARAWAY, Donna. When we never been human, what is to be done? Interview with Donna Haraway, Ponto Urbe 12 – *A revista Digital do Núcleo de Pesquisa Urbana (NAU) da USP*. Ano 7 Agosto 2013.

LATOUR, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: ARRISCADO, João; NUNES, Ricardo Roque (Ed.). *Objectos impuros, experiências em estudo sobre a ciência*. Porto: Afrontamento, 2009. p. 37-62.

LUGONES, María. Colonialidad y género. *Tabula Rasa* [online], Bogotá, n. 9, p. 73-102, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/tara/n9/n9a06.pdf>>. Acesso em: 3 set. 2014.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MÃE STELLA DE OXÓSSI. *Discurso de posse de Mãe Stella de Oxóssi na Cadeira nº 33 da Academia de Letras da Bahia*. 12 set. 2013. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/patrimonio-cultural/literario-cientifico/160-literatura/21030-discurso-de-posse-de-mae-stella-de-oxossi-na-cadeira-n-33-da-academia-de-letras-da-bahia>>. Acesso em: 3 set. 2014.

MESSEDER, S. A.; NASCIMENTO, C. G. (Org.). *PESQUISADOR(A) ENCARNADO(A) experimentações e modelagens no saber fazer das ciências*. 1. ed. SALVADOR: EDUFBA, 2020. v. 01. 466p

MESSEDER, S. A. A pesquisadora encarnada: uma trajetória decolonial na construção do saber científico blasfêmico. In: Heloísa Buarque de Holanda. (Org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. 01ed.Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020, v. 1, p. 155-171

MESSEDER, S. A.. Em cena o(a) Pesquisador(a) Encarnado(a): um conceito ou instrumental teórico-metodológico. In: MESSEDER,S.A;NASCIMENTO,CLEBER. (Org.). *Pesquisador(a) encarnado(a): experimentações e modelagens no saber fazer das ciências*. Salvador: EDUFBA, 2020, v. 01, p. 43-68.

MESSEDER, S. A.; MARTINS, Catarina. Dossiê Temático. *Tabuleiro De Letras*, v. 13, p. 02-07, 2019.

MESSEDER, S. A.; NASCIMENTO, C. G. . CINE BLASFÊMIA: uma narrativa de censura, enfrentamentos e (re)existências.. *Revista Observatório*, v. 4, p. 118-143, 2018.

MESSEDER, S. A.. Memórias e cenas narradas sobre a infância e as relações de gênero na linha de vida da professora universitária e da pesquisadora encarnada. *Revista Periódicus*, v. 1, p. 122-133, 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. *Novos Rumos*, v. 17, n. 37, p. 4-28, 2002. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/veiculos_de_comunicacao/NOR/NOR0237/NOR0237_02.PDF>. Acesso em: 3 set. 2014.

VAN CAMPENHOUDT, Luc; QUIVY, Raymond. *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva, 2008.